



## IMPERATIVO PALINDROMÁTICO INFINITO: LITERATURA CONTRA LITERATURA

Lucas Paolo<sup>1</sup>

**RESUMO:** Trata-se, no presente ensaio, de expor três figuras paradoxais da literatura que se pensam como “literatura contra literatura”. A primeira delas, a versão ontológica do paradoxo é desenvolvida por Foucault; a segunda, a versão política, por Rancière. Abordando estas duas figuras, propomos uma terceira figura, uma versão ética que se configura como um gesto de leitura que se implica nas duas figuras anteriores.

**PALAVRAS-CHAVE:** literatura, paradoxo, Foucault, Rancière, gesto ético, literatura contra literatura.

**ABSTRACT:** In this essay we focus on exposing three paradoxical images of literature that can be thought as “literature against literature”. The first one is Foucault’s ontological version of this paradox; the second one is Rancière’s political version. Working with this two images, we propose a third one as an ethical version which implies itself in the other two.

**KEYWORDS:** literature, paradox, Foucault, Rancière, ethical gesture, literature against literature.

para Laura Mogadouro Duarte e Bruna Martins Coelho

### I

*Devolvei o enigma ao enigma, enigma por enigma. Elevai o que é mistério em vós ao  
que é mistério em si. Há em vós algo que é igual ao que vos ultrapassa.*

Paul Valéry. *Alfabeto*.

Diz-se um paradoxo: literatura contra literatura. Este termo-pergunta é o (a)núncio ou é o (d)enunciado (*hoc?*)? Se aceitarmos que o termo-pergunta devém composto de três subtermos - “literatura”, “contra” e “literatura” - submetermo-lo, então, a algumas perguntas:

1. O termo “contra” está estabelecendo a oposição entre os outros dois termos?
2. Que tipo de oposição?
3. Dada a mesma grafia, os termos “literatura” estão se referindo ao mesmo ou ao que difere na repetição?
4. O termo-pergunta está se opondo à universalidade, à essencialidade da (L)literatura?
5. Literatura contra literatura: conceito, definição, provocação...?

---

<sup>1</sup> Mestrando do curso de Filosofia da FFLCH-USP, o autor pesquisa a relação entre ontologia e ética na filosofia de Gilbert Simondon. Estudou Bacharelado em Violão Erudito no Instituto de Artes da UNESP. Trabalha como coordenador do projeto de monitoria da Escola Antonietta e Leon Feffer – ALEF. Publicou no ano de 2014 seu primeiro livro de literatura *confissões de um texto solipsista ou persona ad hoc*.

(...)

Apanho uma das possibilidades e a suspendo às perguntas: literaturacontraliteratura é o próprio devir literatura, é o movimento da linguagem literária. Mas, corramos invertidamente.

Michael Foucault, na conferência *Linguagem e Literatura*, oferece-nos uma concepção de literatura que talvez nos sirva aqui como um duplo imperfeito para pensarmos o que pode ser “literaturacontraliteratura”. Antes de delinear a imagem que Foucault nos oferece, é necessário fazer uma ressalva: há na concepção de Foucault do que seja a literatura uma espécie de espacialização do tempo. A literatura não estaria, portanto, calcada em bases antropológicas que forneceriam uma possível essência da literatura em determinada relação com as linguagens e as obras. Nas palavras de Foucault (2000, p.147): “não há ser da literatura, há simplesmente um simulacro que é todo o ser da literatura.” Há um conjunto de forças que articulam procedimentos que inscrevem ocos no ser da linguagem, não há natureza da linguagem, não há natureza humana, não há normatividade vital, não há tempo.<sup>2</sup> Assim, para Foucault:

A literatura não é o fato de uma linguagem transformar-se em obra, nem o fato de uma obra ser fabricada com linguagem; a literatura é um terceiro ponto, diferente da linguagem e da obra, exterior à linha reta entre a obra e a linguagem, que, por isso, desenha um espaço vazio, uma brancura essencial onde nasce a questão “O que é a literatura?”, brancura essencial que, na verdade, é essa própria questão. Por isso, a questão não se superpõe à literatura, não se acrescenta a ela por obra de uma consciência crítica suplementar: ela é o próprio ser da literatura originariamente despedaçado e fraturado.(FOUCAULT, 2000, p.141)

Mas tentemos articular, então, a concepção de literatura que Foucault nos oferece. O que é o próprio ser da literatura? Foucault (2000, p. 149) nos diz que é “a distância essencial entre a obra e a literatura que constitui o ser profundo da linguagem literária.” O que seria essa distância essencial? Não seria algo como a brancura essencial, o oco aberto na literatura que é a pergunta “O que é a literatura?”, que para Foucault já coincide com o próprio ato de escrever? O paradoxo de a literatura só ser esse não-ser, essa máquina de esvaziamento, essa

---

<sup>2</sup> A ausência de conceitos de normatividade vital ou de natureza e de natureza humana na obra de Foucault é uma questão, a meu ver, central no percurso intelectual de sua filosofia. Todavia, não posso oferecer aqui uma longa reflexão desse aspecto da filosofia de Foucault. Creio que uma excelente amostra de como tal ausência articula o pensamento de Foucault pode ser observada no debate dele com Noam Chomsky - vídeo célebre que pode facilmente ser encontrado em versão legendada na internet. No mais, parece-me que Foucault está em seu pensamento travando uma intensa batalha com as delimitações da antropologia kantiana. Foucault parece nos fornecer uma espécie de “forma-Homem”, no sentido de “homem” ser mais um conceito operando através de uma série de dispositivos. Nas palavras de Deleuze: “O princípio geral de Foucault enuncia-se assim: qualquer forma é um composto de relações de forças. Sendo dadas as forças, perguntar-se-á então, em primeiro lugar, com que forças do fora entram elas em relação; em segundo lugar, que forma resulta daí. Considere-se as forças no homem: forças de imaginar, de se recordar, de conceber, de querer... Pode objetar-se que tais forças pressupõem já o homem; mas isso não é verdade, como forma. As forças no homem pressupõem apenas lugares, pontos de aplicação, uma região do existente. Tal como as forças do animal (mobilidade, irritabilidade...) não pressupõem ainda qualquer forma determinada. Trata-se de saber com que outras forças é que as forças no homem entram em relação, nesta ou naquela formação histórica, e que forma resulta desse composto de forças. Podemos já prever que as forças no homem não entram necessariamente na composição de uma forma-Homem, mas se podem investir de outro modo, noutro composto, noutra forma: mesmo num período curto, o Homem nem sempre existiu, e não existirá sempre. Para que a forma-Homem apareça ou se desenhe, é necessário que as forças no homem entre em relação com forças do fora muito especiais.” (DELEUZE, 2005, p. 169-170)

ausência que ao se fazer linguagem, ao se fazer obra, ao macular a folha branca, já é a ruptura, a queda, o arrombamento da literatura? O ser da literatura é esse simulacro<sup>3</sup> que é todo o ser da literatura. Mas, vejamos o que esse simulacro mobiliza, as forças que ele opera, para que possamos entendê-lo. Vejamos como Foucault constrói uma “ontologia da literatura a partir dos fenômenos de autorepresentação da linguagem” (MOTTA, 2009, p. VIII) para voltá-la justamente contra a representação.

Mas antes, para compreendermos o ser da literatura, temos que entender a relação da literatura com a linguagem e a obra, percebendo não ser ela nenhuma dessas duas coisas, mas uma terceira coisa. Uma terceira coisa que faz com que as outras duas devenham simulacros. Porém, para entender essa relação e, por conseguinte, essa passagem, precisamos primeiramente compreender as forças que a literatura mobiliza. Foucault nos oferece um caminho ao falar das quatro negações que cada novo ato literário mobiliza e ao falar das figuras da literatura.

Ora, as duas figuras exemplares e paradigmáticas da literatura, segundo Foucault, são a transgressão e a biblioteca.

Uma é a figura do interdito, da linguagem no limite, do escritor enclausurado. A outra, ao contrário, é o espaço dos livros que se acumulam, que se encostam uns nos outros, cada um tendo apenas a existência ameaçada que o recorta e repete infinitamente no céu de todos os livros possíveis.(FOUCAULT, 2000, p. 144.)

Sade e Chateaubriand: os dois exemplos que Foucault nos oferece, referenciais, nas palavras do autor, “os limiões da literatura contemporânea” (FOUCAULT, 2000, p. 145). Um, a escrita contra o código, a profanação da página, da linguagem, o esvaziamento de toda filosofia, de toda literatura; outro, o acréscimo à língua, o procedimento que exhibe sua boa construção, sua exuberante retórica, o acúmulo da “eternidade poeirenta da biblioteca absoluta” (FOUCAULT, 2000, p. 145). Mas, como essas figuras aparentemente estranhas entre si se relacionam? Por meio das quatro negações que a figura da transgressão coloca em funcionamento se opondo à figura da biblioteca.

Assim, a máquina de esvaziamento-saturação, a transgressão, a cada novo ato literário, coloca em curso quatro negações:

Primeiro, recusar a literatura dos outros; segundo, recusar aos outros o próprio direito de fazer literatura, negar que as obras dos outros sejam literatura; terceiro, recusar, contestar a si mesmo o direito de fazer literatura; finalmente, recusar fazer ou dizer, no uso da linguagem literária, outra coisa que não o assassinato sistemático da literatura. (FOUCAULT, 2000, p. 143.)

Podemos ver que as quatro negações descritas por Foucault operam uma progressão, uma violência progressiva contra a biblioteca, contra a tradição, que vai da negação das obras anteriores, à negação do procedimento dos outros como literatura, por não se configurarem como transgressões, a recusar a si mesmo enquanto ato ainda não transgressor, recusando a inanição da recusa e operando a transgressão, escreve contra a biblioteca, contra a literatura. Pode se perceber aqui uma contradição? Ou uma oposição? Um paradoxo?

---

<sup>3</sup> Simulacro aqui se remete a distinção platônica entre Modelo ou Ideia, cópia e simulacro. Assim, haveria, por exemplo, para Platão o modelo de cadeira que se encontraria no mundo das Ideias, a cópia que seria o objeto que encontramos no mundo humano, e por último o simulacro que seria, por exemplo, uma cadeira pintada por um pintor. Para entender a potência do simulacro que está implicada no pensamento de Foucault e Deleuze, ver: DELEUZE, G. “Platão e o Simulacro”. In: *Lógica do Sentido*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

Perceber que o ser da literatura opera contra a própria literatura? *Só se é literatura ao se fazer literaturacontraliteratura.*

Podemos esclarecer esse ponto pensando a questão do gênero. Nessa concepção de literatura que Foucault nos propõe, não poderia haver gêneros puros, apenas uma hibridização ou transgressão aos limites sedimentados por procedimentos semelhantes que definiriam o gênero. O gênero puro gostaria de ser a transformação de procedimentos de linguagem em obra. Todavia, a literatura, como terceiro vértice desse triângulo, estaria todo o tempo indo ao limite dessa sedimentação, forçando-a a exibir sua impureza, parodiando-a. Todo gênero é um natimorto, que já definha lentamente no próprio processo de gestação, e a violência desse morrer é “tanto a ausência da literatura quanto sua iminência”(FOUCAULT, 2000, p.151). É nesse sentido que Foucault pode dizer que Cervantes, ao escrever *Dom Quixote*, escreve um simulacro de romance.

Assim, sempre se escreve, ou melhor, sempre se faz literatura contra a biblioteca, criando um espaço de simulacro, criando o simulacro de literatura que é a própria literatura. Podemos agora falar dessa articulação entre literatura, linguagem e obra.

Para Foucault (2000, p. 140), “a linguagem é o murmúrio de tudo o que é pronunciado e, ao mesmo tempo, o sistema transparente que faz com que, quando falamos, sejamos compreendidos; em suma, a linguagem é tanto o fato das palavras acumuladas na história quanto o próprio sistema da língua.” Poderíamos pensar, então, que a linguagem possui duas faces que corroem uma a outra, a expressão (“infinito do murmúrio”) e a comunicação. Entre a literatura e a linguagem, há uma hesitação. A literatura entra pela face da expressão para abrir fissuras na comunicação, para transgredir a linguagem, mas ao ser escrita na superfície da folha em branco, torna-se obra, deixa de ser literatura, é contraliteratura. O que seria, enfim, a obra? É “essa coisa estranha, no interior da linguagem, essa configuração da linguagem que se detém em si própria, se imobiliza e constrói um espaço que lhe é próprio, retendo nesse espaço o fluxo do murmúrio que dá espessura à transparência dos signos e das palavras.” (FOUCAULT, 2000, p.140) Assim, a expressão que dá espessura a linguagem, que a faz ultrapassar seu mero âmbito comunicativo, é imobilizada na obra.

Mas como esse processo de estabilização é revertido em devir, em simulacro de linguagem e simulacro de obra? Digamos que se cada vértice desse triângulo - formado por literatura, linguagem e obra - impõe uma força que faz com que a força do outro se detenha, o ser próprio a cada um desses vértices só se pode perceber no espaço especular entre os outros dois vértices, espaço esse que é seu duplo.

Na literatura não há encontro absoluto entre a obra e a literatura. A obra jamais encontra seu duplo finalmente dado. Por isso ela é a distância que há entre a linguagem e a literatura, uma espécie de espaço de desdobramento. Esse espaço especular é o que se poderia chamar de simulacro. (FOUCAULT, 2000, p.157)

O ser da obra, o ser do livro, portanto, não é um lugar fixo, é um duplo das forças que operam no livro e que o fazem ser o simulacro de um livro. O livro, a obra, é o que detém a transgressão da linguagem, devindo biblioteca, mas é ao mesmo tempo o oco aberto nas páginas pela literatura que não quer ser livro, que não quer ser literatura. O livro não quer ser livro, é um entrelugar da literatura e da linguagem. Já o ser da linguagem é sempre se remeter à obra, à fixação da retórica, da gramática, aquilo que freia o devir expressivo da linguagem e a quer fixada no livro para comunicar o acúmulo de linguagem, mas é também o código que se ultrapassa, que beira o ilegível, devém ilegível ao ser contra tudo o que antes podia ser entendido como linguagem. A linguagem é forçada pela literatura a querer ser mais que linguagem, um entrelugar entre aquilo que se fixou e aquilo que faz escorrer as estruturas do fixado.

Assim, o que é o ser próprio da literatura? É esse simulacro em perpétuo devir: livrocontralivro, linguagemcontralinguagem, literaturacontraliteratura. O ser da literatura é essa implicação permanente entre obra e linguagem.

Mas, corremos inadvertidamente? Fizemos literatura contra literaturacontraliteratura? Qual o próximo passo: elaborar um caligrama para “Isto não é literaturacontraliteratura”? Até agora tudo não passou de uma tautologia: literaturacontraliteratura é literaturacontraliteratura é literaturacontraliteratura? Isto não é um piparote, um *pipe rote*? Da literatura a literatura, alguém lê um palíndromo<sup>4</sup>: literaturacontraliteratura.

## II

*Quantos despertares não desejariam ser apenas sonhos!... Mas na hora a unidade toma conta dos membros, e da nuca aos pés um acontecimento faz-se homem. De pé! clama todo o meu corpo, é preciso romper com o impossível!...*  
Paul Valéry. *Alfabeto*.

Mas, e o leitor? O tempo redescoberto:

- Um pouco de possível, senão eu sufoco!<sup>5</sup>

### A ALITERATURA

Literatura é *littérature* em francês, e *litter* é lixo, desperdício em inglês, enquanto *ature*, de novo em francês, é rasura, e *lit* é leito, essa cama onde me acosto para fazer literatura: somente em português a literatura não significa outra coisa. (INFANTE, 1976, p. 18)

Que importa quem fala? Que importa quem lê?

- “Literatura é tudo o que se lê/como tal” (INFANTE, 1976, p. 16-7)

*As duas máquinas de interpretar* – “Escritura das cavernas”; sinal impreciso, de fato, de certa manufatura e de seus limites. Essa necessidade de negociar intacta *desde* a escuridão, a conversão de seus procedimentos feita por outra vanguarda e aquele consequente revelar o tempo interessado de toda escrita, servem de estímulo para que a proposta possa observar as sombras de seu próprio desejo crítico. (LIBERTELLA, 2008, p.42)

Mas, e então?:

Dispensar as fantasias do verbo feito carne e do espectador tornado ativo, saber que as palavras são apenas palavras e os espetáculos apenas espetáculos pode ajudar-nos a compreender melhor como as palavras e as imagens, as histórias e as performances podem mudar alguma coisa no mundo em que vivemos. (RANCIÈRE, 2012, p. 26)

---

<sup>4</sup> Originada das palavras gregas *palin* (inverso, de novo) e *dromos* (corrida, andamento), palíndromo é uma sequência de signos, uma frase, uma palavra que possa ser lida tanto da direita para esquerda quanto da esquerda para a direita.

<sup>5</sup> DELEUZE, G. *Conversações – III Michael Foucault*. São Paulo: Editora 34, 2010. “A existência não como sujeito, mas como obra de arte; esta última fase é o pensamento-artista.” Pág. 124.

Talvez por aqui. Talvez se possa inserir movimento na imagem de simulacro, de literatura. A utopia de pensar um leitor emancipado pode devolver vida ao cancro petrificado de p(o)ustular um devir que já não é do tempo, uma literaturacontraliteratura estagnada em ser um ser de um não-ser que nunca se realiza, que não possui vias de atualização. Outra literaturacontraliteratura?

Seguindo Rancière, ousa perguntar: e se grande parte dos movimentos artísticos e das vanguardas do século XX estiverem expurgando certas “alegorias encarnadas da desigualdade” (RANCIÈRE, 2012, p.17.) fomentada pela sociedade de classes? E se o pressuposto tanto da arte engajada quanto da arte pela arte for o de que existe um abismo que separa duas posições: de um lado, o alienado, o passivo, o subjugado, o incapaz, o ignorante; do outro, o autônomo, o ativo, o reformador, o capaz, o mestre? E se a passagem de um lado para o outro for apenas uma passagem que não muda o funcionamento da própria oposição, da própria desigualdade? “Os termos podem mudar de sentido, as posições podem ser trocadas, mas o essencial é a permanência da estrutura que opõe duas categorias: os que têm uma capacidade e os que não têm.” (RANCIÈRE, 2012, p.17.) E se toda arte que afirmava uma restituição de certa comunidade, de certa coletividade através de uma pedagogia eliminadora das distâncias (entre o saber do mestre e o do ignorante, por exemplo), estivesse justamente criando a distância em sua vontade de eliminá-la? E se a arte radical esbravejando sua autonomia estivesse afirmando uma utopia apenas negativa, apenas baseada no alargamento incessante das distâncias? Mas sigamos por um momento a reflexão de Rancière para que possamos pensar como outra literaturacontraliteratura pode articular uma busca utópica de um leitor emancipado.

Rancière nos diz que para começarmos a eliminar essas distâncias, tão reiteradas,

Não há forma privilegiada como não há ponto de partida privilegiado. Há sempre pontos de partida, cruzamento e nós que nos permitem aprender algo novo caso recusemos, em primeiro lugar, a distância radical; em segundo, a distribuição dos papéis; em terceiro, as fronteiras entre os territórios. Não temos de transformar os espectadores em atores e os ignorantes em intelectuais. Temos de reconhecer o saber em ação no ignorante e a atividade própria ao espectador. Todo espectador é já ator de sua história; todo ator, todo homem de ação, espectador da mesma história. (RANCIÈRE, 2012, p. 21)

Assim, independente de onde ou de como se parta, o imprescindível são as três recusas, é necessário recusar a distância radical, a distribuição de papéis e as fronteiras entre os territórios. É necessário que o sujeito não formule para si e para o outro uma imagem de constituição intelectual e de capacidades como algo fixo e inerente que estabelece uma distância radical entre sujeitos e que permitiria as diferenciações em que se baseiam o olhar da desigualdade que quase toca os limites da afirmação do ingênito; é necessário que se rompa com a divisão do trabalho e com a delimitação das capacidades, que se resista à fixação de modos de vida para certa produtividade ou normalidade; é necessário que o sujeito opere a dissolução de seus próprios parâmetros identitários, sejam geográfico ou ideológicos. Não nos deve ser impingida uma figura restrita da consciência, e conceitos de homem, indivíduo e natureza humana imutáveis, essencialistas. Contra isso um novo conceito de arte pode se erigir no processo de emancipação do espectador, do leitor, do sujeito, do homem.

Mas, na insurgência desse novo conceito de arte, espreita o perigo de a emancipação ser subjugada a uma racionalidade cínica que organize uma pseudo-renovação que não modifica absolutamente nada. Rancière nos fornece duas maneiras de proceder que acabam por não operar as recusas necessárias que acabamos de mencionar.



Existe aquela que reatualiza a forma da obra de arte total. Supunha-se que esta seria a apoteose da arte convertida em vida. Hoje, tende mais a pertencer a alguns egos artísticos superdimensionados ou a uma forma de hiperativismo consumista, quando não ambas ao mesmo tempo. Existe também a idéia de hibridação dos meios da arte, própria à realidade pós-moderna de troca incessante de papéis e identidades, de real e virtual, do orgânico e das próteses mecânicas e informáticas. Esta segunda ideia pouco se distingue da primeira em suas conseqüências. Ela frequentemente leva a outra forma de embrutecimento, que se vale do embaralhamento das fronteiras e da confusão dos papéis para aumentar o efeito da performance sem questionar os seus princípios. (RANCIÈRE, 2012, p.24.)

Esta incrível passagem reflete sobre algumas das soluções dadas por artistas e teóricos nas últimas décadas. Quais seriam as conseqüências semelhantes que Rancière observa nas duas maneiras? Em meu modo de interpretar, ambas se articulam em resposta à perda da evidência de tudo que se relaciona à arte, da desmaterialização do conceito de obra de arte, da crescente indistinção entre experiência estética e experiência comum. Entretanto, ambas respondem a tudo isso com uma estetização das experiências comuns, com um superdimensionamento das ações e convicções dos teóricos e artistas (mantêm-se os papéis: artistas e não-artistas, teóricos e não-teóricos). Se as reflexões de Duchamp podem transformar a arte na própria pergunta “O que é arte?” e na conseqüente designação que cada um precisa operar para responder esta pergunta<sup>6</sup>, o que a primeira maneira, que Rancière aponta, fez foi superdimensionar egos artísticos e alimentar a especulação financeira do mercado da arte. Já a segunda, se vale de um momento de anomia e de dissolução das identidades para afirmar procedimentos pós-autônomos<sup>7</sup> e a disseminação das multiplicidades. Porém, essas desdiferenciações apenas alimentam certos fazeres artísticos e teóricos sem, contudo, atacar criticamente os princípios e fundamentos que sustentam as distâncias e a desigualdade.

Há uma terceira via, uma espécie de literaturacontraliteratura autêntica? As duas maneiras descritas por Rancière parecem ainda quererem ser esferas e fazeres autônomos, que poderiam ser vinculados em um conceito uno, em uma unidade? A pós-modernidade seria uma espécie de aporia: a afirmação de uma nova esfera autônoma, de novas questões que estabelecem uma relação de desencantamento com a dita modernidade?

“Resta uma terceira maneira que não visa à amplificação dos efeitos, mas pôr em causa a própria relação causa-efeito e o jogo dos pressupostos que sustenta a lógica do embrutecimento” (RANCIÈRE, 2012, p. 25.). A terceira maneira que Rancière expõe não se desvincula dos ideais de leitor ativo e de comunidade, pois “exige espectadores que desempenhem o papel de intérpretes ativos, que elaborem sua própria tradução para apropriar-se da ‘história’ e fazer dela sua própria história. Uma comunidade emancipada é uma comunidade de narradores e de tradutores” (RANCIÈRE, 2012, p.25.). O que, finalmente, Rancière vem acrescentar a concepção de Foucault? Por que é importante para nós trazer aqui esta “terceira maneira”? A meu ver, porque Foucault oferece um conceito, uma imagem de literaturacontraliteratura que é de alguma forma ainda totalizante: subjugando os fenômenos a certa concepção do funcionamento das forças que operam os fenômenos<sup>8</sup>. Inserir a utopia de Rancière é afirmar que dizer literaturacontraliteratura é no, fim das contas, dizer apenas literatura, se não buscarmos conjuntamente modos de vida de leitores que leiam-escrevam literaturacontraliteraturacontraliteraturacontraliteratura... indefinidamente.

<sup>6</sup> Ver: DE DUVE, T. *Cinco reflexões sobre o julgamento estético*. Revista Porto Arte: Porto Alegre, V. 16, N. 27, NOVEMBRO/2009.

<sup>7</sup> Ver: LUDMER, J. *Literaturas Pós-autônomas*. Ciberletras: Revista de crítica literaria y de cultura, n. 17, julho de 2007.

<sup>8</sup> Caberia investigar em que medida isto se mantém válido para o último período da obra de Foucault, seus últimos cursos e em *História da Sexualidade*, em que o problema ético ganha predominância.

O leitor como gesto: imperativo palindromático infinito:

## RELEIA

### REFERÊNCIAS

- DELEUZE, G. *Conversações – III Michael Foucault*. São Paulo: Editora 34, 2010. Trad. Peter Pál Pelbart.
- DELEUZE, G. *Foucault*. Lisboa: Edições 70, 2005. Trad. Pedro Elói Duarte.
- DELEUZE, G. “Platão e o Simulacro”. In: *Lógica do Sentido*. São Paulo: Perspectiva, 2011. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes.
- DE DUVE, T. *Cinco reflexões sobre o julgamento estético*. Revista Porto Arte: Porto Alegre, V. 16, N. 27, NOVEMBRO/2009.
- FOUCAULT, M. “Linguagem e Literatura”. In: MACHADO, R. *Foucault, a filosofia e a literatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- FOUCAULT, M. *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa.
- INFANTE, C. “La Aliteratura”. In: *Exorcismos de esti(l)o*. Barcelona: Seix Barral, 1976.
- LIBERTELLA, H. *Nueva escritura en Latinoamérica*. Buenos Aires: Ediciones El Andariego, 2008.
- LUDMER, J. *Literaturas Pós-autônomas*. Ciberletras: Revista de crítica literaria y de cultura, n. 17, julho de 2007.
- MACHADO, R. *Foucault, a filosofia e a literatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- MOTTA, M. B. “Apresentação”. In: *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- RANCIÈRE, J. *O espectador emancipado*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012. Pág. 26. Trad. Ivone C. Benedetti.